



GUERRA FRIA: NOÇÕES PRELIMINARES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3694

Marlon Marques Gomes Picinin, SMG

Resumo

O seguinte trabalho busca-se interpretar as influências políticas entre E.U.A e URSS que protagonizaram uma batalha chamada de Guerra Fria. Caracterizada por uma vontade de lutar aparentemente sem fim entre as duas potências econômicas mundiais. Essa vontade de lutar caracterizada por Thomas Hobbes, não convém “apenas para uma luta direta armada, mas sim de vontade de entrar em um conflito desse porte” – bélico. Porém as duas potências travaram uma batalha ideológica cheias de chantagens e de medidas econômicas como intimidação. Buscavam a implantação do sistema econômico hegemônico para suprir as necessidades de um Mundo devastado, os E.U.A compartilhavam das ideias capitalistas, e URSS do socialismo, o que desencadeou a bipolarização.

Em meados da década de 40 do século XX, e com o fim da Segunda Grande Guerra, pode se dizer que ocorreu o estopim da Guerra Fria, por medidas políticas tomadas pelos três poderosos (Inglaterra, Rússia e E.U.A), tanto em conter o nazifascismo na Europa, quanto a tratados de paz e posses territoriais do oeste e leste europeu, e infinitos acordos sobre o destino da Alemanha. Essa relação política entre as superpotências mundiais fomentou ao resto do mundo a tomarem medidas fundamentais durante a Guerra Fria (1945-1991), diferentes modelos político e social foram criados resultando em uma multipolarização e geopolítica. Ao fim desenvolveu novos conflitos, principalmente na Ásia.

Palavras Chave:

Guerra Fria;
Multipolarização;
Geopolítica;
Expansionismo.

Introdução

Em meados da década de 40 do século XX, e com o fim da Segunda Grande Guerra (1939-1945), pode se dizer que ocorreu o estopim da Guerra Fria, por medidas políticas tomadas pelos três poderosos (Inglaterra, URSS e E.U.A), tanto em conter o nazi-fascismo na Europa, quanto a tratados de paz e posses territoriais do Oeste e Leste europeu, e infinitos acordos sobre o destino da Alemanha. Os Aliados acusavam Moscou de tentarem causar a desunião do Leste Europeu e ataques sangrentos contra a democracia.

As influências americanas por todo o mundo podem ser explicadas pelas necessidades de batalhas, e controle político e econômico favorável ao seu mercado capitalista, ou seja, um contexto econômico. O Partido Único englobava todas as nações comunistas que expressavam total apoio a Joseph Stalin. Hobbsbawm (1995, p.223), relata uma grande parte da guerra fria como a “era de ouro” - período em que os avanços tecnológicos desenvolvidos em prol a população, alcançam proporções exorbitantes.

O papel norte americano durante a Guerra Fria foi instalar e manter a supremacia política, militar e econômica pelo mundo, sendo contrários a políticas antidemocráticas e apoiando a maioria do ocidente, independentes do passado controverso eram influenciados e apoiados pelo novo poderio americano. Políticas antidemocráticas essas, consideradas pelos americanos pois, o conceito de democracia para EUA e URSS se diferencia de um sistema econômico do outro.

A implantação capitalista pelas potências do pós-revolução industrial, mais aproximadamente período entre guerras (1920), que estavam em pleno desenvolvimento tecnológico e econômico sentiram-se ameaçadas pela rápida “expansão” e fortalecimento do

comunismo na URSS - devido a Revolução de 1917 liderada pelos Bolcheviques - com a saída desta da Primeira Grande Guerra. O que poderia vir depois, mais especificamente em 1919 ocasionaria o primeiro embate armado entre os capitalistas e a recente União Soviética, saindo como vitoriosa da repressão americana, francesa e inglesa. Esse primeiro encontro ou embate armado caracterizado por Leandro Carnal (2000, A Guerra Fria), seria o início da Guerra Fria entre os dois sistemas econômicos. Por manterem ideais comunistas e a concepção de um “modelo econômico que acabaria com a exploração do homem”, a União Soviética servia como um retrato do mau caminho europeu, longe dos interesses capitalistas.

As potências econômicas que possuíam um vasto e moderno sistema de indústria necessitavam do imperialismo como fonte de sustentação do amplo mercado, como a matéria-prima extraída das colônias. As possuidoras de vastas colônias eram a Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Alemanha. Os Estados Unidos apesar de ser a potência econômica que ultrapassava em valores econômicos de toda a Europa no início do século XX, não possuía colônias para seu desenvolvimento, porém havia deixado claro que a “América pertence somente aos americanos” – alimentados pela Doutrina Monroe em 1823 - não possuindo quaisquer interesses nos negócios europeus, como em possuir colônias nas Américas. Essa conquista pelo EUA pelas Américas, seria uma conquista ideológica e influenciada por características mercantilistas.

“A hegemonia dos Estados Unidos, a Pax Americana, se apoiava no sistema das Nações Unidas, o qual garantia, também, um espaço para a inserção da União Soviética no concerto das nações” (VISENTINI e PEREIRA, 2012; p.183).

O pós-segunda guerra mundial (1939-1945), é o período considerado mais

quente do século XX e, as constantes ameaças ocorridas em quatro décadas (1945-1991) entre E.U.A e U.R.S.S, tomaram conta do imaginário mundial do que seria o apocalipse global, com o conhecimento do poderio da Bomba Atômica lançadas em Hiroshima e Nagasaki. Os americanos assegurados da “expansão soviética” pelo mundo apanharam para si o papel de “guardiões do planeta”, no âmbito de afastar qualquer que seja o inimigo da nova paz mundial. Essa proteção americana conceituada pelos países latinos americanos como Pax americana, “a paz armada”, foi apoiada desde a criação da Liga das Nações (1919) e Organização das Nações Unidas (ONU), na conferência de Yalta (1945) pelos países aliados - “Os Três Grandes”, Estados Unidos, Inglaterra e URSS tomaram medidas legais para uma constituição mundial dos direitos humanos, e garantir a paz mundial na união dos estados.

A Alemanha: convergência em contra mão

O fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) marcou o início do que viria ser a Guerra Fria, momento histórico em que o mundo acaba de sair de um conflito armado e com um grande desenvolvimento tecnológico e bélico – criação da bomba atômica, usadas em Hiroshima e Nagasaki – evidenciando incertezas do que poderia ser o apocalipse atômico do planeta. “A guerra fria foi uma guerra peculiar, do que poderia se tornar uma terceira guerra mundial, criando-se um êxito de terror por todo o mundo” (HOBSBAWM, 1995; p.223).

Primeiramente é importante destacarmos que em certo momento da II Guerra Mundial, houve a união dos países mais desenvolvidos economicamente e possuidores de grandes contingentes militares, sendo os E.U.A, U.R.S.S e Inglaterra, “Os Três Grandes”, para combater o exército nazista alemão. Os ingleses e americanos adentram pela França (Normandia) e soviéticos pelo

Leste, flanqueando os alemães no âmbito de conquistar mais territórios, e principalmente tomar Berlim.

A conferência que abriu portas para tal união dos três poderes ocorreu em novembro de 1943 em Teerã, Irã. “Reuniu os maiores representantes dos ocidentais, Winston Churchill da Inglaterra, Josef Stálin da União Soviética e Franklin Roosevelt dos Estados Unidos” (VICENTINO, DORIGO, 2010; p.120). A parceria entre as nações causou descontentamento por parte da União Soviética, que lutava sozinha pelo Leste europeu sem auxílio direto dos aliados norte-americanos e ingleses.

Em fevereiro de 1945, ocorreu a Conferência de Yalta, em território soviético – atual Ucrânia - para tratar a definição da partilha da Europa. O momento em que separava o mundo capitalista e socialista chegou. Os E.U.A e Inglaterra, reconheceram o Leste europeu como território soviético, anexando o leste alemão aos seus territórios. Yalta também foi palco dos primeiros debates políticos com A Liga das Nações, na criação da Organização da Nações Unidas (ONU).

Em agosto de 1945, o Partido Comunista encabeçado pela União Soviética se espalhava por todo o Leste Europeu, Alemanha Oriental, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária concretizando a “Cortina de Ferro” mencionada por Winston Churchill em Ohio, Estados Unidos.

As medidas tomadas no fim da II Guerra Mundial retomaram o encontro das nações relativamente amigáveis em Abril de 1945, na Conferência de Potsdam, Berlim. Reunindo Harry Truman, Stálin e Clement Attlee Primeiro Ministro da Inglaterra, (Churchill perde as eleições) com a missão de desnazificar a Alemanha, reconhecer o território polonês e criar o Tribunal de Nuremberg, para julgar crimes de guerra cometidos pelos nazistas. Mesmo com o reconhecimento do Estado polonês na Conferência de

Potsdam, os soviéticos tomaram para si metade do território, iniciando o processo de expulsão dos alemães emigrantes para o Oeste.

A expulsão dos alemães do Leste Europeu no pós-guerra será o principal argumento comunista de proceder a guerras civis nos países comunistas, seja esta sangrenta ou ideológica, mas que afastaria toda a “raça alemã” para o Oeste. A perseguição aos alemães teve um caráter “vingativo” por parte dos soviéticos, devido a traição de Hitler á Stalin. Nos países não comunistas que partilhavam de algumas ideias em ascensão, principalmente na Grécia, Turquia e Tchecoslováquia ocorreram os maiores banhos de sangue, sendo a Grécia e a Turquia apoiadas pelos Aliados e afastadas das influencias soviéticas, e inclusas na OTAN; a Tchecoslováquia rendeu-se ao partido comunista demonstrando o seu apoio a Moscou.

A divisão da Alemanha talvez contivesse futuros conflitos armados e proporcionaria posições políticas mais favoráveis aos dois sistemas econômicos do capitalismo e socialismo, por meio da retórica.

“A principal medida, foi a Divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação: inglesa, francesa e norte americano, conjunto da Alemanha Ocidental, República Federal da Alemanha (RFA), e soviético conjunto da Alemanha Oriental, República Democrática Alemã (RDA)” (VICENTINO, DORIGO, 2010; p.120).

A capital alemã Berlim também fora dividida entre as nações vencedoras da guerra, e bloqueada por Stálin com afirmações de uma investida capitalista para uma Alemanha unificada. As quatro zonas de ocupação desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha passou a ser palco da constante mudança dos problemas entre os capitalistas e socialistas. Em 1949 os países do Ocidente criaram uma nova constituição com um

novo governo, a RFA (República Federal da Alemanha). Em contra partida a RDA (República Democrática Alemã) foi criada do lado Oriental soviético.

Governo Truman: ordem internacional

Com a morte de Franklin Delano Roosevelt em meados de 1945, o seu sucessor e vice-presidente Harry Truman assume o cargo de presidente dos Estados Unidos da América. Participa da então e já comentada Conferência de Potsdam, e define um governo totalmente contrário às ações soviéticas, apoiadas pelos seus representantes políticos.

Durante o governo de Truman, o “Tripé” passa a compor a diplomacia dos E.U.A, e tomam a frente como ordem internacional da Guerra Fria. Eram eles: George Frost Kenann, Conselheiro da embaixada americana em Moscou; George Marshall secretário norte americano; Dean Acheson subsecretário.

“[...] ainda em 1945, Kenann afirmava que a União Soviética não faria parte dos interesses capitalistas norte-americanos, e para que isso não voltasse contra o modelo capitalista afirma que - seu país deveria desenvolver vigilância ativa e uma política de contenção das ambições expansionistas soviéticas” (SARAIVA, 2001; p.20).

George Kennan que formulou políticas de contenção e que segundo Hobbbsawm (1995), possuía uma visão de URSS (União Soviética) como um país completamente bárbaro e que vivia de contenções, guerras entre si buscando sempre a própria segurança afastado do resto do mundo, que por sua vez o comunismo utópico tornara uma URSS mais perigosa em termos de conquista global. Kenann ainda ressalta - “A única potência rival da URSS, ou seja, os E.U.A teriam de conter a pressão desta por uma resistência inflexível, mesmo que ela não fosse comunista” (HOBBBSAWM, 1995;

p.231).

A contestação à União Soviética sobre o expansionismo comunista pelo continente Europeu já havia sido dita mais cedo pelo Primeiro Ministro Britânico Winston Churchill, no Estado de Missouri, Estados Unidos em 1946. Churchill chamava atenção dos países capitalistas para que voltassem os olhos para a União Soviética que havia traçado no pós-guerra uma “Cortina de Ferro” de norte a sul da Europa, transformando e influenciando os países do Oriente em comunistas fieis a Moscou, e que se alastraria por toda a Europa se não fosse contido de imediato. Naquele ano Winston Churchill não havia capturado toda a atenção que gostaria dos demais países, porém os americanos mudam sua característica de pacificador – período presidencial de Franklin D. Roosevelt que as tensões entre as potências ainda eram amenas – e passa a ser na presidência de Harry Truman, observadores e controladores das ações soviéticas (HOBBSBAWM, 1995).

Logo ao fim da Segunda Guerra Mundial, a Europa enfrentou um inverno extremamente rigoroso, perdurando até meados de 1947. A paralisação das indústrias desencadeou fome e imigração dos desalojados. As eleições europeias começaram a ser inspiradas por ideias comunistas. A situação da Europa e as constantes afirmações de Kennan despertam interesses no secretário Marshall e subsecretário Acheson, visando formar políticas de contenção soviética pela Europa (HOBBSBAWM, 1995).

O fruto desse interesse resultou no Plano Marshall de 1947, um auxílio para o caso da dívida europeia, estabilidade de estados econômicos e políticos dos países europeu-ocidentais. Esse “auxílio” era caro e gerador de altas taxas de juros, gerando dívidas pelos países europeus durante todo o século XX, mas seu principal objetivo era desenvolver o mais rápido possível os aliados ocidentais e prejudicar os

soviéticos – contenção do “expansionismo comunista” - sendo esses marginalizados pelo sistema. O Plano Marshall foi beneficiado graças à criação do FMI e o Banco Mundial, ambos movimentavam o dólar americano (FARIA e MIRANDA, 2003).

Os Estados Unidos estavam mais preocupados em assegurar o bem econômico e social do mundo por meio do liberalismo, sendo este ameaçado por forças contrárias (socialismo). Uma nova guerra não preocupava certo grau do que o controle econômico mundial pelos E.U.A, pois os países que acabaram de sair da Segunda Grande Guerra, apenas buscavam ajuda para se reconstruir, pareciam propensos a adequar a novas regras liberais, como explica Hobbsbawm (1995).

“[...] haviam se tornado um campo de ruínas habitado pelo que pareciam aos americanos povos famintos, desesperados e provavelmente propensos à radicalização, mas que dispostos a ouvir o apelo da revolução social e de políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa, livre comércio e investimentos pelo qual os Estados Unidos e o mundo iriam ser salvos” (HOBBSBAWM, 1995; p.228).

O Plano Marshall aproximou ainda mais as relações com Moscou, que já em 1946, os aliados E.U.A e a Grã-Bretanha criam a proposta de que a Alemanha deveria se reconstruir e funcionar como obstáculo ao “expansionismo soviético”. A criação do Marco Ocidental forçou a U.R.S.S na sua saída do interaliado e a criação do seu próprio plano econômico. (MAGNOLI, 2004) “A criação do Conselho Econômico de Assistência Mútua (Comecon) soldou as economias do Leste Europeu à União Soviética, separando-as das economias de mercado da Europa Ocidental”.

Os países considerados em

desenvolvimento não ficaram de fora dos planos econômicos americanos. O Ponto IV baseava-se em investimentos a esses países que partilhavam de ideias norte americanas e que enfrentassem as “ameaças comunistas” pretendendo propagar as ideologias culturais dos EUA. “O Ponto IV transformou-se em um programa oficial do governo, ligado ao Departamento de Estado, e sua missão era financiar projetos de assistência técnica dos EUA para países subdesenvolvidos” (ALCADIPANE; BERTERO, 2011, p.4).

A fim de escutar seus secretários de estado, Truman desenvolveu uma política de “Contenção Soviética” na busca por células comunistas em território norte americano, em 1947, o presidente dos Estados Unidos Harry Truman faz uma declaração que descontentou os soviéticos:

“As formas de vida se baseiam em: 1º vontade da maioria se caracterizar por instituições livres, governos representativos e liberdade individual (religião, liberdade de expressão); 2º é a vontade da minoria que tenta impor suas ideologias a força à maioria” (MAGNOLI, 2004; p.79).

A Doutrina Truman de 1947 foi o primeiro plano de universalização norte americano. Os argumentos usados pelos chefes de estado concentravam-se seus argumentos na política industrial e financeiro á luta do anticomunismo no âmbito da hegemonia mundial. O governo de Truman marca o início da Guerra Fria e a política universal dos E.U.A.

Organizações da bipolarização

Quando o mundo se dividiu em duas ideologias econômicas e culturais, foi necessário mais que uma divisão conceitual de duas palavras, era necessário demonstrar e manter o equilíbrio dos novos sistemas mundiais. A saída era manter a ideologia superaquecida nas demonstrações de força bélica, já que

acordos militares e econômicos não se afirmavam na década de 40 e 50, do século XX. Assim, [...] Estados Unidos e União Soviética, nasceram em revoluções. “Ambos abraçaram ideologias com aspirações globais, o que funcionou para eles em casa, presumiriam os líderes, funcionaria para o resto do mundo.” (GADDIS, 2006; p.6).

A proteção desses dois sistemas econômicos costumou ser mais em prevenir influências de ideologia, entre os países capitalistas – manter afastados governos comunistas e ideais socialistas em solo americano – e países socialistas, em manter longe as interferências capitalistas de produção e no desenvolvimento econômico, social por meio de um sistema mais justo.

A preocupação norte americana em encarar os notáveis problemas iniciais de um novo capitalismo, fez com que adotasse propagandas anticomunistas. A divisão global entre Ocidente Capitalista e Oriente Socialista e o apoio do Plano Marshall, não poderia dar errada a adesão dos países europeus ao novo capitalismo. Os Estados Unidos adotaram ataques a União Soviética para assegurar seus clientes, a maioria dos ataques ideológicos criados para causar medo entre os ocidentais foram sustentadas pela Doutrina Truman, a precursora do anticomunismo. Entre a criação desses conceitos políticos está a “expansão soviética” (domínio socialista do mundo), sendo essa possuidora de interesses apenas nos países de seu limite territorial, segundo Hobbsbawm, 1995.

Dentre as organizações de proteção capitalista a OTAN (Organização do Atlântico Norte), de 1949, proposta por Harry Truman contra possíveis agressões soviéticas. “A OTAN estabelecia a defesa coletiva das liberdades democráticas dos países capitalistas, e assegurava que não só os E.U.A tomasse superioridade nuclear, mas todos os membros da OTAN”, como ressalta MAGNOLI,2004.

O artigo 5º da organização descreve essa afirmação: “Art.5º; Um eventual ataque a qualquer membro da aliança é um ataque a todos os seus membros, sendo firmada uma reação conjunta e automática” (MAGNOLI, 2004; p.89).

No leste-europeu o bloco de países-satélites participava desde 1947 do Kominform (Comitê de Informação dos Partidos Comunistas) que vinculava os países comunistas à Moscou. A Komintern (Internacional Comunista) tinha sido dissolvida durante a Segunda Guerra devido à cooperação da URSS com os aliados ocidentais. De 1948 a 1956, a tensão tomou conta do leste europeu com a união dos estados subordinados a Moscou causou descontentamento da população, principalmente da Hungria que crescia ideias de reformismo do comunismo soviético como: “eleições livres”, “saída do Pacto de Varsóvia” e “criação de outros partidos”. As ideias da reforma soviética foram impulsionadas após a morte de Stalin (1953) e a substituição por Nikita Krushev. O novo governante soviético adotou pronunciamentos contra Joseph Stalin, sendo o responsável pela situação deplorável que se encontrava a URSS, isso impulsionou reviravoltas dentro do Partido Comunista e fez com que Krushev tomasse medidas armadas contra o próprio povo e percebesse ao mais tardar que a União Soviética era impossível de ser modificada dentro de seus “dogmas stalinistas”.

O Pacto de Varsóvia foi formado em 1955 pelo presidente soviético Nikita Kruchchev. Conhecido como Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua, o pacto era uma resposta a OTAN que tinha por finalidade combater qualquer ameaça aos interesses comunistas do Leste-Europeu. Os países membros eram União Soviética, Bulgária, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia, Romênia e Albânia. A saída soviética de uma situação

desfavorável a levou em meados dos anos 1950 o rearmamento das fronteiras e a recrutação política na França e Itália (VICENTINO e DORIGO, 2010).

“A Guerra Fria que de fato tentou corresponder à sua retórica de luta pela supremacia ou aniquilação não era aquela em que decisões fundamentais eram tomadas pelos governos, mas a nebulosa disputa entre os serviços secretos reconhecidos e não reconhecidos [...]” (HOBBSBAWM, p.226).

Os E.U.A mantinham como aliados políticos estados que não possuíam relações com a URSS ou pretensões ao comunismo. “Os recém-estados independentes das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 pós-coloniais intitulados ‘terceiro mundo’ em sua maioria era anticomunista” como relata Hobbsbawm, 1995; *Era dos Extremos*. Desde o período pós-guerra até meados da década de 1970, os E.U.A e URSS mantiveram acordos, territórios e debates políticos bastante construtivos, sem as necessidades de um conflito entre as forças do exército. Tentava-se prevenir a guerra de ambos os lados, politicamente e secretamente (HOBBSBAWM, 1995).

Considerações Finais

Ao estudar o início do conflito, Guerra Fria, entre as duas maiores potências econômicas do planeta no século XX, concluímos que a medida política estabelecida pelos Estados Unidos e União Soviética, por meio da retórica, formulou as fronteiras geopolíticas do planeta. Ideologias econômicas e sociais atingiram os países marginalizados, considerados atrasados; medidas políticas asseguraram as alianças entre comunistas europeus, asiáticos, americanos e africanos, ocasionando a formação de novas políticas consolidando-se no decorrer do conflito ideológico (Guerra Fria). O possuidor de um dos exércitos mais bem armados do mundo, os E.U.A garantiram o “título de policiais do

mundo” após a primeira bomba atômica tocar ao solo, sendo que essa arma de destruição em massa era apenas um monopólio da então nação mais poderosa e agora mais temida do mundo (1945-1947). A U.R.S.S desenvolvia-se industrialmente e militarmente, expandindo-se pelo Leste europeu com tratados e chantagens.

Os americanos reformaram o sistema comercial e econômico mundial – prejudicando o sistema socialista, e não menos importante as nações não ocidentais - com auxílio dos Estados europeus devastados pela guerra, apoios pelo Plano Marshall, FMI (Fundo Monetário Internacional), ONU (Organização das Nações Unidas), que possuía a cadeira principal nas relações exteriores os americanos, e o Banco Mundial que movimentavam o dólar, moeda americana de circulação mundial, esses foram alguns de seus suportes para garantir sua supremacia imperialista.

Referências

ALCADIPANI, Rafael; BERTERO, Carlos Osmar. **Guerra Fria e Ensino do Management**

no Brasil. FGV-EAESP, João Pessoa, vol.52, n.3, p. 284-299, 2012.

FARIA, Ricardo; MIRANDA, Mônica. **Da Guerra Fria á Nova Ordem Mundial**, São Paulo, Contexto, 2. Ed, 2016.

GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro, Penguin Books, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século xx**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MAGNOLI, Demétrio. **O Mundo Contemporâneo**, São Paulo, Atual, vol.1, 2004.

MIRANDA, Celso; FAGUNDES, Ernani; MIRANDA, Orlando; ROJO, Ricardo; MIRANDA, Sérgio. **Especial Guerra Fria. Super Interessante**, São Paulo, Abril, 268-A, Ago/2009.

SARAIVA, José. **Relações Internacionais: dois séculos de história**, Brasília, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, vol.2, p.212, 2001.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**, São Paulo, vol.3, Scipione, 2010.

VISENTINI, Paulo; PEREIRA, Ana Lúcia. **História Mundial Contemporânea: da independência dos estados unidos ao colapso da união soviética**, Brasília, FUNAG, Fundação Alexandre de Gusmão, Ideal, ed. 3, p. 283, 2012.